

Panorama

Editor: Igor Natusch
igor@jornaldocomercio.com.br

MEMÓRIA

Os 90 anos de Roy Orbison, a lenda do rock que chegou três vezes ao sucesso

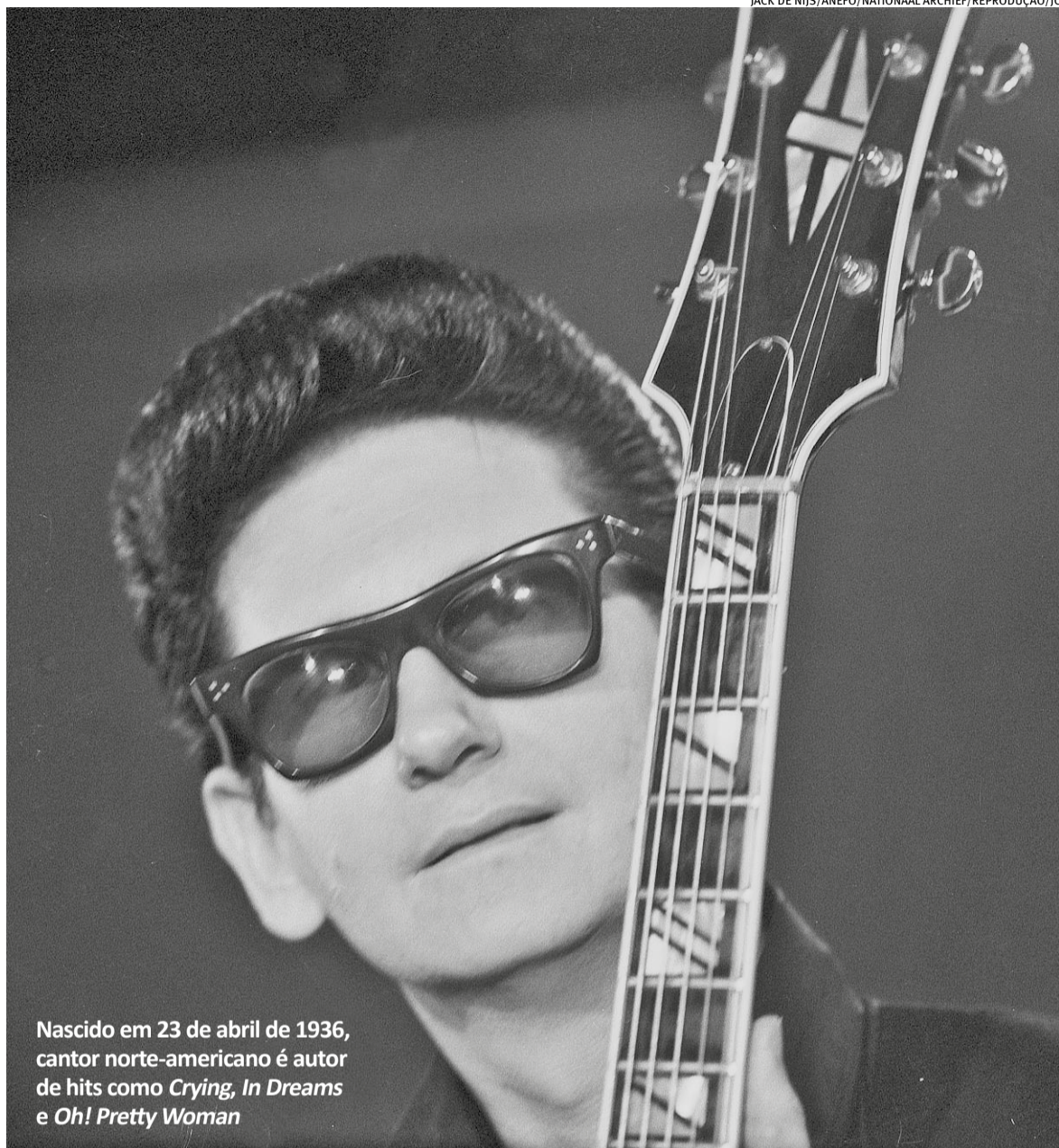
Igor Natusch
igor@jornaldocomercio.com.br

No mundo da música, um artista pode se considerar sortudo se conseguir conquistar, uma vez que seja, o estrelato. Imagine-se, então, a emoção do cantor e guitarrista Roy Orbison ao gravar, em setembro de 1987, o especial de televisão *A Black and White Night* - um evento que marcava não o primeiro, mas o segundo auge da carreira do músico. Cercado de convidados do quilate de Bruce Springsteen, Bonnie Raitt, k.d. lang e Tom Waits, o cantor - nascido há exatos 90 anos, em 23 de abril de 1936 - parecia não apenas extasiado, mas sinceramente surpreso com a adulação que recebia. "Se houver qualquer coisa que eu possa fazer por você, me ligue", dizia ele aos muitos famosos que subiram ao palco com ele naquela noite. Uma forma comovida e ligeiramente desajeitada de demonstrar sua gratidão pelo que talvez considerasse uma gentileza exagerada, que talvez nem merecesse de verdade.

Estava enganado, é claro. A verdade é que merecia sim, e muito, todas as honrarias. Mais do que um dinossauro da indústria surfando uma onda saudosista, Orbison havia reconquistado o estrelato praticamente do zero, com material novo e relevância renovada. Já cinquentão, o músico conquistou seus primeiros Grammy, com as gravações de *That Lovin' You Feelin' Again* (em parceria com Emmylou Harris) e *Crying* (ao lado de k.d. lang), e a participação no supergrupo The Travelling Willburys - ao lado de lendas (e fãs) como George Harrison, Tom Petty e Bob Dylan - foi

um estrondoso sucesso de vendas. Músicos tão díspares como Bruce Springsteen, Glenn Danzig e a banda Van Halen estavam fazendo sucesso com regravações suas, e o uso do clássico *In Dreams* como trilha sonora de *Veludo Azul*, de David Lynch, o recolocou de vez no imaginário das multidões - ao ponto de um filme com sua história ser fortemente cogitado à época, com Martin Sheen no papel principal. Diante do inesperado retorno ao sucesso, Roy Orbison chegou a fazer uma rigorosa dieta para perder peso e melhor resistir às exigências das turnês - mas, ao mesmo tempo, concedia entrevistas com um misto de surpresa e quase desconfiança. "A verdade é que eu ainda não consigo acreditar nisso tudo", disse o mestre do rock norte-americano, em mais de uma ocasião.

Talvez lembrasse, nessas ocasiões, da sua primeira jornada ao sucesso - de como tinha sido difícil chegar lá, e de como tinha sido empurrado para o lado, rumo à obscuridade, quase sem perceber. Nascido em Vernon, no Texas, cantava no rádio desde os nove anos, e começou a tocar em bandas com treze, desde então determinado a viver da música a qualquer custo. No cenário musical da virada dos anos 1950, ser um compositor e manter uma banda na estrada eram carreiras quase distintas: Orbison queria a primeira, mas precisou investir na segunda durante anos para conseguir pagar as contas, por vezes com muita dificuldade. Mesmo com o apoio de artistas como Johnny Cash, Orbison só começaria a fazer sucesso de verdade na terceira gravadora, a Monument Records, a partir do single *Only the Lonely*



Nascido em 23 de abril de 1936, cantor norte-americano é autor de hits como *Crying*, *In Dreams* e *Oh! Pretty Woman*

- em 1960, quando o cantor já tinha mais de uma década como profissional da música. Além da dificuldade em conquistar as paradas, sua aparência também não ajudava: usava lentes fundo de garrafa (depois substituídas por óculos escuros), vestia-se sempre de preto e ficava praticamente estático no palco, longe das danças e movimentos coreografados de vários pioneiros do rock.

Mas o sucesso veio, e veio como um turbilhão. Ficou famosa no anedotário do rock a ocasião em que excursionou pela Inglaterra em 1963, ao lado de ninguém menos que os Beatles. Mesmo sendo o artista mais experiente, pediu para ir ao palco primeiro na noite inaugural da turnê - e teria feito tanto sucesso que foi chamado para o bis nada menos que 14 vezes, sendo agarrado e impedido de voltar na última delas pelos apavorados John Lennon e Paul McCartney. Felizmente, todos ficaram amigos pelo caminho, e os Fab Four repetidamente falaram sobre a admiração que sentiam pela música do norte-americano. Sucessos como *In Dreams*, *It's Over* e *Oh! Pretty Woman* mostravam as grandes

características do músico: seus arranjos complexos, muitas vezes fora do padrão, e a voz poderosa, que alcançava quatro oitavas sem perder a potência dramática.

Tudo ruiu a partir de 1966, com a morte da esposa Claudette em um acidente automobilístico. Depois de uma separação dolorosa, causada por traições mútuas, os dois haviam se reconciliado recentemente. O natural luto pela tragédia coincidiu com o auge da Invasão Britânica nas rádios dos EUA, fazendo com que Orbison sumisse das paradas. Em 1968, novo momento de dor: seus dois filhos mais velhos morrem em um incêndio em sua casa no Tennessee, e Orbison fica tão deprimido que, durante anos, quase não consegue mais escrever novas canções. Embora tenha seguido a carreira sem grandes interrupções durante as décadas, a verdade é que Roy Orbison desapareceu do grande público: diz-se que um show em Cincinnati, em homenagem ao seu 40º aniversário em 1976, teve menos de 200 pessoas na plateia.

Eis que, contra os prognósticos, Roy Orbison voltou a ser uma estrela. E estava vivendo o

auge desse revival quando a morte o surpreendeu, em 6 de dezembro de 1988: foi visitar sua mãe e o filho Wesley, em um intervalo antes de turnês pela Europa e EUA, e acabou sofrendo um ataque cardíaco fulminante no banheiro, sendo encontrado já sem vida. Fiel à aura de certo mistério que sempre envolveu sua figura pública, e atendendo a desejos do próprio músico, foi enterrado em uma sepultura sem lápide, de forma que as pessoas em geral nunca soubessem onde seu corpo está.

E se é curioso que um artista consiga estourar nas paradas em duas situações distintas, que dizer de alguém que chega lá uma terceira vez, depois da morte? Assim foi com Roy Orbison: singles póstumos como *I Drove All Night* e *You Got It* fizeram grande sucesso, e ele foi, em 1989, o primeiro artista desde Elvis Presley a, depois do falecimento, chegar ao top 5 dos EUA com dois discos diferentes: *Traveling Wilburys Vol. 1*, em quarto lugar, e o LP *Mystery Girl* em quinto. Uma honraria na qual o próprio Orbison, em algum lugar do lado de lá, deve ter tido até dificuldade em acreditar.

JACK DE NIJS/ANEFO/NATIONAAL ARCHIEF/REPRODUÇÃO/JC